

## TRANSPORTES

# Governo quer criar Cartão de Mobilidade



É objetivo do secretário de Estado da Mobilidade Urbana, Jorge Delgado, mudar a forma como os portugueses se deslocam, reduzindo o uso do carro

É objetivo do secretário de Estado da Mobilidade Urbana, Jorge Delgado, mudar a forma como os portugueses se deslocam, reduzindo o uso do carro

Objetivo é **reduzir uso do carro na ida para o trabalho**.  
Ideia está ainda em estudo no Ministério do Ambiente

TEXTO **RAQUEL ALBUQUERQUE** FOTO **TIAGO MIRANDA**

**A** ida para o trabalho explica 30% das deslocações diárias nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto e mais de metade desses trajetos são feitos de carro. Compensar os trabalhadores que se desloquem em modos mais sustentáveis e dar benefícios às empresas que ajudem os funcionários a não usar o carro são duas das medidas aprovadas pelo Governo na Estratégia Nacional de Mobilidade Ativa Pedonal. Para isso, uma das ideias que o Ministério do Ambiente está a estudar é a criação de um Cartão de Mobilidade que as empresas ofereçam aos trabalhadores, permitindo que usem esse valor em qualquer modo de transporte sustentável, em alternativa ao seu automóvel.

“Ainda é só uma ideia e não uma medida já definida, mas estamos a trabalhar para criar um Cartão de Mobilidade que as empresas atribuam aos trabalhadores. O cartão terá um valor que pode ser gasto em várias formas de mobilidade, sejam transportes públicos, uma viagem de táxi, aluguer de uma bicicleta ou trotineta ou até, no limite, comprar uma bicicleta em prestações mensais”, avança ao Expresso o secretário de Estado da Mobilidade Urbana, Jorge Delgado. Em troca, as empresas recebem um benefício fiscal, que terá ainda de ser definido. “Queremos que seja uma medida bastante alargada, o que nos obriga a ponderar os seus impactos em termos de eficácia e de incentivos.”

Atualmente já há empresas em Portugal que oferecem aos trabalhadores o passe para os transportes públicos, podendo deduzir nos seus lucros 130% do valor que gastam. O BNP Paribas, por exemplo, paga o passe aos funcionários através de uma plataforma criada para esse efeito, dá incentivos na compra de bicicletas elétricas e continua a apostar num regime de trabalho remoto. “Ao permitirmos que existam mais dias em que os nossos colaboradores

permitemos que existam mais dias em que os nossos colaboradores possam trabalhar em casa, verificamos uma redução da utilização do automóvel”, indica Luciana Peres, diretora de Responsabilidade Civil Corporativa. Também o escritório RFF Advogados oferece o passe aos colaboradores que o solicitem. “Cada trabalhador adquire a modalidade de que necessita e apresenta o comprovativo de pagamento, para que o valor lhe seja creditado”, explica a empresa. No ano passado começaram a dar também um voucher anual para utilização das bicicletas partilhadas de Lisboa (GIRA).

Para atingir a meta para a mobilidade pedonal, Portugal terá de recuperar em sete anos o que perdeu nos últimos 30. Entre 1991 e 2011, o peso das deslocações feitas a pé caiu para metade (de 35% para 16%) e estima-se que desde então o cenário não tenha melhorado. Mas o Governo quer recuperar a quota de 35% até 2030. “Temos noção de que a meta é ambiciosa, mas é preciso, com muita urgência, mudar os padrões de mobilidade”, afirma Jorge Delgado. “Temos de alterar o paradigma de dependência do automóvel, não só por questões ambientais, mas também civilizacionais. No século XXI, temos de pensar se a forma como nos movemos é digna da sociedade que queremos.”

#### **SHUTTLES E APPS DE BOLEIAS**

A estratégia de mobilidade pedonal está em consulta pública até 11 de novembro e a versão final é aprovada até ao fim do ano. Só depois é apresentado o plano de ação, mas medidas como a do Cartão de Mobilidade para os trabalhadores têm sido implementadas em outros países. Por exemplo, em Utrecht, nos Países Baixos, foi lançado um programa semelhante que reduziu em 37% o uso do carro para entrar na cidade.

Além desta, há outras ações que as próprias empresas podem pôr em prática. “O estacionamento é uma das principais formas de influenciar o modo como as pessoas se deslocam na cidade. A existência de estacionamento gratuito ou muito barato no destino motiva fortemente a utilização do automóvel”, aponta Rita Castel’ Branco, especialista em mobilidade. Um estudo feito em Toulouse concluiu que 99% dos trabalhadores optavam por ir de carro quando as empresas tinham estacionamento gratuito, mas apenas 41% o utilizavam quando não tinham onde estacionar. “Não obstante, a legislação continua a impor índices de estacionamento mínimos a empresas, habitação, comércio e serviços, em vez de definir tetos máximos ou deixar a oferta à consideração do mercado.”

Só que para os trabalhadores deixarem o carro em casa as empresas também têm de assegurar que a sua localização é acessível através de outros modos de transporte. “Os shuttles de ligação à cidade ou ao transporte ferroviário mais próximo fazem particular sentido para empresas fora das áreas consolidadas. Apps que fomentem a partilha de automóvel também podem ser úteis”, sugere Rita Castel’ Branco. Na Bélgica vai-se mais longe. “Há empresas que apoiam a compra de bicicleta e pagam por cada quilómetro percorrido. Para além do que o

bicicleta e pagam por cada quilómetro percorrido. Para além do que o empregado poupa e do que ainda recebe, a medida é interessante pela mudança de mentalidade que motiva.”

Importante também é ter mais dados sobre a mobilidade no pós-pandemia, uma vez que o último inquérito do INE sobre Lisboa e Porto é de 2017. Rita Castel Branco frisa em particular a necessidade de mais informação sobre o uso do carro. “Um bom ponto de partida seria um inquérito institucional que questione as pessoas sobre o que seria preciso para deixarem de ir de automóvel.”

---

## NÚMEROS

---

**35%**

das deslocações feitas a pé é a meta para 2030. É mais do dobro do cenário atual, que deverá estar próximo dos 16%

---

**46%**

dos portugueses passam mais de sete horas por dia sentados. A meta é reduzir para 31%

---

**7,5%**

das deslocações feitas de bicicleta é o objetivo para 2030 (10% nas cidades). Ter 10 mil quilómetros de ciclovias e reduzir para metade os acidentes com ciclistas são outras metas